

Política econômica Ministro garante que a economia está entrando num novo ciclo de crescimento

Palocci minimiza impactos da inflação

Cristiano Romero
De Brasília

Numa clara reação às pressões que vem sofrendo dentro do próprio governo para diminuir o grau de ortodoxia da política econômica, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, disse ontem que o governo tem consciência do custo do ajuste que vem sendo feito e que alterar seu rumo agora seria "incompreensível". Palocci procurou afastar rumores de que o secretário do Tesouro Nacional, Joaquim Levy, esteja demissionário e reiterou a confiança de que, neste ano, a economia brasileira vai expandir, inaugurando um novo ciclo de "crescimento histórico".

"Principalmente num momento como esse, depois de termos feito um ajuste importante, de termos melhorado substancialmente os indicadores econômicos e quando o Brasil se prepara para um ciclo de crescimento, mudar de rota seria incompreensível. Não há nem a possibilidade de esse diálogo se colocar nem propensão a esse tipo de coisa", afirmou Palocci durante entrevista.

O encontro com os jornalistas foi organizado por iniciativa do próprio ministro, que, no início do dia, deu entrevista também ao programa "Bom Dia Brasil", da Rede Globo. Bem-humorado, o ministro respondeu a 11 perguntas durante uma hora de entrevista.

Desde que o Comitê de Política Monetária (Copom), do Banco Central, decidiu manter inalterada a taxa de juros básica (Selic), o tom das críticas à equipe econômica aumentou dentro do governo. Nos últimos dias, surgi-

ram rumores de que os secretários Levy e Marcos Lisboa (Política Econômica) seriam demitidos.

Questionado sobre o que se convencionou chamar de "fogo amigo", ou seja, as críticas internas do governo à política econômica, o ministro da Fazenda não negou a existência de divergências. "Não quero fugir dessa questão. Não há, na verdade, um questionamento da política econômica. Há expectativas sempre de que, com o Brasil melhorando, possamos fazer mais. Esse sentimento é positivo".

Sobre a suposta demissão de Levy, ele deu a entender que o desgaste é natural, mas avisou que sua equipe foi nomeada por ele. "Os guardiões do Tesouro não são as pessoas mais amadas do governo. No ano passado, com o ajuste fizemos, era difícil que o meu caro Joaquim Levy se tornasse a pessoa mais amada da esplanada, mas eu confio amplamente na competência do Joaquim, do Marcos", observou. "Há eventuais opiniões. Isso faz parte da discussão de personalidade. A equipe é uma equipe que eu escolhi."

Palocci procurou reafirmar, no entanto, a sua autoridade e o seu papel dentro do governo. "Eu sempre tenho a responsabilidade de dar os limites. É evidente que eu gostaria de sempre dizer que há recursos para tudo. Entre aquilo que gostaríamos de fazer e aquilo que a gente pode fazer, a minha função aqui é mais no 'pode' do que no 'gostaria'", reconheceu.

O ministro disse que o governo Lula sabe que a política econômica adotada em 2003 tem um custo e que ela é, segundo ele, a preparação para um período de crescimento sustentável. Fazer algo diferente pa-

ra crescer mais no curto prazo, advertiu, pode custar caro ao país.

"Se o país fizer mais do que é possível, ele constrói uma conta a ser paga. A compreensão disso vai se construindo", contou Palocci. "Peço licença para não ser pessimista. Este governo, na medida em que decidiu priorizar o equilíbrio econômico, o combate à inflação, sabe que isso tem um custo. É preciso pagar um custo para ter o país arrumado no longo prazo. Agora, não há na nossa perspectiva para o ano a possibilidade de voltar a um cenário de crise. Não há motivos nem elementos para isso."

Palocci fez questão de dizer também que, com os sacrifícios vividos pelo país em 2003, a economia está preparada para crescer nos próximos anos. Segundo o ministro, o governo tem uma intensa agenda para desenvolver em 2004, de forma a contribuir para o aumento do chamado PIB potencial do Brasil. Entre as medidas citadas por ele, estão os investimentos em infra-estrutura e o desenvolvimento dos mercados imobiliário e de capitais, além da definição de novos marcos regulatórios.

No setor imobiliário, ele revelou que o governo está preparando um amplo conjunto de medidas para reativar os financiamentos. Estuda também a redução da Cofins, que teve a alíquota recentemente elevada para 7,6%, para o setor de construção civil. A medida está sendo avaliada no âmbito do pacote imobiliário.

"Equivocam-se aqueles que acham que, por termos feito um ajuste importante no ano passado, não temos mais problemas, que

agora é só crescer. Se pensarmos dessa maneira singela, vamos encontrar obstáculos para o crescimento", advertiu Palocci. "O Brasil não precisa de um ano de crescimento. Precisa de um novo período, de um novo ciclo histórico de crescimento. Temos muito trabalho a fazer."

O ministro minimizou os possíveis efeitos da alta da inflação no início do ano sobre o comportamento dos juros e, conseqüentemente, sobre a expectativa de crescimento do PIB. "Não vejo esse aumento da inflação nos levar a uma postura mais conservadora na política monetária para este ano. A expectativa em termos de crescimento, de comportamento da política monetária não muda."

Palocci também minimizou a recente mudança de humor dos investidores internacionais em relação aos países emergentes. Em sua opinião, os mercados estão antecipando agora a expectativa de que o Federal Reserve (Fed), o banco central americano, aumentará as taxas de juros em algum momento, neste ano.

"A piora do cenário internacional a partir do sinal dado pelo Fed não é verde-amarela. Se você olhar o que aconteceu nos últimos dias, verá que houve uma desvalorização de moeda em todos os países emergentes e um aumento do risco na maioria deles. Isso já era esperado", explicou. "Há condições hoje, no cenário econômico mundial, de ajustes feitos com muita serenidade, então, isso não deve levar a uma deterioração significativa do quadro econômico dos países emergentes. Não houve pânico."